

Feminista ou feminina?

A pesar do feminismo estar presente, há longas décadas, na literatura, na mídia, nos ensaios acadêmicos, nos discursos – mais ou menos explícitos – dos/as políticos/as, nas mesas de bar e até como assunto corriqueiro em piadas machistas, a velha expressão “sou feminina, não feminista” ainda ecoa forte nas falas de muitas mulheres. O auto-referir-se “feminista”, mesmo diante de claras posições “pró-mulher”, parece trazer desconfortos que têm assento na histórica luta das mulheres contra sua opressão e os estereótipos a ela associados. “Sou feminina” parece sugerir uma antítese, que separa o campo do “natural identitário” do campo do político e do ideológico. Na referência “sou feminista” estariam implícitos adesão, certa coerência e uma atitude política, enquanto “sou feminina” marcaria uma atitude de afirmação ligada ao estereótipo do que é ser mulher. Um, intriga e ameaça, enquanto o outro, apazigua e conforma.

Nem Simone de Beauvoir escapou ao preconceito, mas isso foi há pelo menos cinco décadas e por razões bem diversas. Filósofa francesa, escreveu o célebre “O Segundo Sexo” na década

de 40, quando ainda acreditava que a revolução socialista resolveria a questão da desigualdade entre homens e mulheres. O livro tornou-se literatura de base para parte considerável das feministas ocidentais; porém, apesar de ter escrito uma obra de referência para o feminismo, Beauvoir não se afirmava feminista, fato que foi admitir bem mais tarde, nos anos 70, quando o chamado “novo feminismo” francês estava no auge e quando ela própria havia aderido ao MLM (Movimento de Libertação das Mulheres). Em uma entrevista a Alice Schwarzer*, ela declara: “*sou feminista*”, afirmando sua convicção no movimento social das mulheres, específico, radical e autônomo.

Mas o que é ser feminista, afinal de contas? Como em toda teoria e ideologia, parece haver muitos feminismos e diferentes são as suas formas de percepção e expressão. Ouvimos três mulheres que fazem parte do que poderíamos chamar, genericamente, movimento feminista. As respostas, que você confere a seguir, não esgotam o assunto e nem tem pretensões universalizantes; estão aqui para provocar reflexão.

Érica Isabel de Melo, 18 anos, estudante universitária, pertence à Liga Hardcore em Goiânia, publica fanzines com mensagens feministas e organiza eventos musicais com bandas de garotas.



Arquivo/CEI

FG - O que é ser feminista?

E- É você tentar ir contra a maré, contra tudo que estão nos ensinando, o que a nossa cultura tenta manter. E, mesmo sofrendo todas as retaliações que nós sofremos (não tem jeito de escapar das piadinhas) e apesar dos comentários sem fundamento, é lutar pela plena igualdade, no trabalho, na cultura, em casa, na família. O feminismo tem que estar presente em todas as partes.

FG - Você é feminista?

E- Eu sou feminista. Existem vários chavões, que as feministas são feias e frustradas, que não tem sentido fazer feminismo porque as mulheres já atingiram a igualdade, porque elas trabalham, têm liberdade, autonomia... Eu acho que não é verdade. Talvez esse machismo esteja mais implícito, mas está aqui, na nossa cultura. Ainda existe um tratamento diferenciado na família, na relação entre os casais (a mulher está muito mais

restrita que o homem), nos meios sociais. Na *cena*, o número de meninas é bem inferior ao de meninos; muitas vão acompanhando os namorados. Por que elas são tão intimidadas? Por que só eles montam bandas, fanzines, lideram os grupos de discussões? Penso, “Por que será isso?” Se a gente discute tanto essa questão de liberdade, como que dentro da própria *cena* tá tendo isso? Não é possível que os meninos vão ficar só nisso e elas vão ficar segurando a guitarra deles enquanto eles tocam...

Ao iniciar o fanzine *menarca* queria incitar as garotas a também tocarem, a fazerem fanzines, a subirem no palco e a falarem o que tem vontade nas reuniões. Muitos acharam que o que eu estava fazendo era um machismo ao inverso. Era difícil aceitarem que algumas meninas começavam a discutir a posição delas ali dentro. Depois eu fiz o fanzine *orgasmo contracultural*, que é o que mais gosto; o primeiro foi mais um esboço. Se você luta, eu não vejo problema em você carregar o nome de feminista. Me afirmo como feminista; é preciso afirmar. Tudo bem se tem algum receio, mas se nós estamos vivendo nesse contexto que é desigual, por que não? Seria bom se a gente não precisasse se afirmar; não haveria necessidade se houvesse realmente a igualdade. Para você entender...

Hardcore: estilo musical e de vida caracterizado pela defesa da liberdade e da igualdade e cuja expressão se dá através de músicas fortes, agres-

sivas, que objetivam provocar mais do que agradar.

Cena: o meio social que engloba outras “tribos” como os punks, grunges, metaleiros, etc. Nesse sentido, existe a “cena hardcore”.
Fanzine: tipo de publicação confeccionada de modo artesanal e com forte apelo contestatório.

Albineiar Plaza Pinto, 54 anos, médica, pesquisadora e co-fundadora do grupo feminista autônomo “Oficina Mulher”.



Arquivo/Pessoni

FG - O que é ser feminista?

A- Primeiro, quero dizer que eu sou feminista. E que (o feminismo) é um modo de inserção política, hoje, que privilegia, que enfoca, que se dirige às mulheres, que provoca a inserção política das mulheres. Ser feminista, de fato, não tem nada a ver com ser feminina; nada, absolutamente nada (risos). Porque se trata de discutir a mulher, o ser mulher propriamente, mas vai além do eu me perceber; deve me permitir ter uma intervenção política porque me



dá a chance de fazer uma crítica à sociedade com o olhar de onde estou, com olhar de mulher. Não se trata de fazer políticas para as mulheres, mas é intervir como mulher, privilegiando as mulheres.

FG - Antes de você se auto-afirmar feminista, você tinha esta percepção do feminismo?

A- Não, eu não me percebia como mulher (risos)... A minha intervenção social era absolutamente masculina. Eu tenho uma profissão "poderosa"... Sempre tive muito de-

sejo por formação, e escolhi a medicina pelo mérito de poder intervir no mundo, ajudar as pessoas, lidar com a vida e a morte. O que aprendi com a minha família é que você pode, junto com outras pessoas, intervir para mudar o mundo. Isto é política. Na minha casa não tinha político formal, mas sempre alguém com o olhar da *polis*, a arte de intervir na *polis*...

Eu fui formada em plena época do cientificismo, o negócio era a tecnologia pela tecnologia e acreditar que a medicina tem algo mais que

isso também foi um processo de aprendizagem muito grande pra mim. Transformar a medicina em instrumento de serviço social é criar dentro da medicina, porque dentro da faculdade não era bem isso. O que me diferenciava do médico comum era acreditar que nunca, sozinha, se poderia chegar a atuar a serviço da sociedade, que essa é uma coisa feita no coletivo. Por isso, sempre trabalhei em equipe. Mas era um modo masculino, um modo de estar fazendo, fazendo... Assim é que eu trabalho até hoje,

uma compulsão. Mas eu penso que eu não podia eliminar o meu ser mulher e esse ser mulher me questionava sempre. Como dar conta de tudo? Desde brincar com as crianças a ir pra sala de cirurgia... No momento que entrava no centro cirúrgico era outra pessoa. Depois da percepção dessa fragmentação horrível é que eu me deixei perceber mulher. Sendo mulher, sem saber que era mulher, porque era mulher... e não podia saber que era mulher! (risos), senão eu não fazia nada... olha que maluquice completa!

EDITORIAL

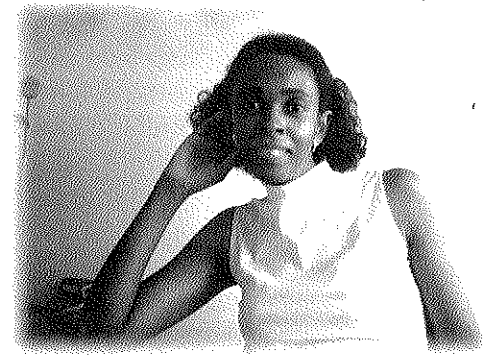
Treze anos de Transas do Corpo

Neste 23 de março de 2000, quase século XXI (sinônimo de individualidades levadas ao extremo), estamos completando 13 anos. É difícil imaginar que um grupo de mulheres que se conheceu há tanto tempo permaneça junto? Como pode ser isto? Certamente apenas um desejo não basta. Tem que haver uma confluência de momentos pessoais, culturais e, fundamentalmente, algo que propicie este encontro. Para nós, o feminismo foi a ponte.

Mulheres que se juntaram com o sonho de saber mais sobre o ser mulher, sua saúde, sua sexualidade e, sobretudo, querendo compartilhar estas descobertas com outras mulheres e homens. E o sonho tomou corpo e foi virando realidade, apesar do estranhamento que a ousadia causava (muitos comentavam: "que nome estranho este!"). Afinal, o que estávamos inaugurando não era simplesmente uma nova onda, mas um jeito de pensar e agir na vida, maneiras de construir nossa subjetividade. O exercício de se relacionar implica necessariamente transitar, estabelecer passagens entre o individual e o coletivo e requer ligações e compromissos que vão muito além de uma simples transa. Não que uma boa transa não possa ser legal, mas no nosso caso, virou mesmo uma relação de amor, destas com muita história a ser contada, com alegrias e dores, com direito a muita festa e celebração.

O Transas já é adolescente e vivencia todas as crises criativas e "aborrecentes" que um jovem pode ter. À medida que fomos avançando, as relações se tornaram complexas; não somos mais só um grupo. Planejamos estrategicamente, formamos redes e fazemos articulações. Tudo está maior e requer muito mais atenção e decisão do que fazer, como e por quê. Então, este aniversário está acontecendo dentro e fora de cada uma de nós. Transas do Corpo, mudanças, renovações, reparações, reformulações em várias áreas, fazem parte deste momento de desconstrução e construção que estamos vivendo. Tanta coisa e pouco tempo para compreendermos quão grande e intensa é essa nossa história. A única coisa que sabemos é que algo ao qual estávamos acostumadas se desorganizou, e isto gera medos e ansiedades. Estamos sofrendo a transição; não é isto mesmo a tão famigerada adolescência? Talvez seja por isso que estejamos tão aflitas. Será que ainda iremos nos reconhecer? Está tudo ligado, o que implica pensarmos um monte de coisas juntas. Isto é sinal de amadurecimento?

Sônia Cleide Ferreira da Silva, 29 anos, faz parte do Grupo de Mulheres Negras Malunga e é auxiliar administrativo da Secretaria Municipal de Saúde.



Arquivo/CEI

FG - O que é ser feminista?

S- Para mim é a mulher que luta por seus direitos e pelos daquelas que não dão conta de lutar. No fundo, eu penso que todas as mulheres são feministas, mas não têm coragem de falar, de levantar e dizer, "isso tá errado. Eu não gosto assim." Eu acho que a feminista é aquela que faz aquilo que gosta e que vai em frente com suas idéias, que defende suas teses. Ainda existe mulher que pensa que mulher nasceu foi pra servir o homem, cozinhar, lavar, passar e cativar o marido, e não aquela que tem o direito de trabalhar, se divertir, sair e ter suas amizades. Porque uma mulher tem o direito de fazer isso tudo igual a um homem, não mais e nem menos que ele. Fico indignada quando escuto coisas como "mulher não vive sem homem". Vive sim e tem capacidade. Ela tem uma força enorme dentro de si, mas ainda não descobriu; as que já descobriram, aí falam, "Sou feminista."

FG - Você é feminista?

S- Eu acho que estou me descobrindo feminista, mas toda vida eu fui de perguntar, "Por que eu não posso fazer isso?" Quando comecei a participar do grupo de mulheres, enfrentei dificuldades, porque tinha algumas mulheres que falavam as-

sim: "Ah, as feministas querem ser mais que os homens. Tem que ter cuidado, você tá no meio das feministas. Você já tem a cabeça virada". (...) sou muito de briga, essa questão de homem querer mandar mais, não! O mesmo direito que os homens têm, as mulheres também têm. Eu achava que era porque eu sou encenqueira, mas aí, observando, vejo que não, que as idéias que eu defendo, tem outras mulheres defendendo também.

Eu cresci no meio das irmãs (Igreja Católica) e vi que aquilo não dava. Procurei uma religião onde eu me sentisse melhor e que me desse o direito de mulher, até mais. Sou umbandista. A igreja católica é muito machista. Eu comecei a descobrir isso. De uns dois anos pra cá eu comecei a me ver como feminista, por isso tudo... Sou mãe solteira, com uma mãe conservadora que quase morreu com toda essa história, essas idéias de ter filho e não querer casar... Toda a vida eu falava isso, eu só me vejo assim, lutando. A mulher tem que começar a acordar, a viver, a ser feliz e a gostar de si mesma, maquiagem e se vestir pra ela mesma, se achar bonita e sentir-se bem.

* SCHWARZER, Alice. *Simone de Beauvoir hoje*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.



Órgão Informativo do Grupo Transas do Corpo

Rua 137 com Av. 85, nº 556, Ed. da Moda, salas 301, St. Marista, Goiânia-GO/Brasil.
Cep: 74.170-120. Fone: 241-9257 / 241-9617
E-mail: transas@zaz.com.br
Homepage: www.transasdocorpo.com.br

Colegiado:

Eliane Gonçalves - Mestre em Educação e Especialista em Saúde Pública
Gelva M. M. Costa - Assistente Social
Joana Plaza Pinto - Mestre em Linguística
Kemle Emerene Costa - Nutricionista e Especialista em Saúde Pública
Lenise Santana Borges - Mestre em Mulher e Desenvolvimento, Psicóloga e Especialista em Saúde Pública
Rurany Ester Silva - Assistente Social e Especialista em Saúde Pública

Equipe

Técnico-Administrativa:
Biblioteconomia: Cida Rodrigues
Administrativo e Financeiro: Maria Cristina de Oliveira
Secretária: Andréia de Paula Silva
Auxiliar Administrativo: Fábio Felipe
Assessora de Comunicação: Maristela Vitória

Apoio:

Fundação MacArthur e Fundação Ford
Jornalista responsável: Maristela Vitória - MTB 908/04/197
Redação: Eliane Gonçalves, Lenise Santana e Maristela Vitória
Revisão: Suzana Oellers
Editoração: Carla de Abreu (223-0566)

As opiniões presentes nas entrevistas ou nos artigos publicados são de responsabilidade de seus autores.

Conquistas do Movimento Feminista

fotos: Arquivo/CEI

O Movimento Feminista tem desempenhado papel fundamental em vários campos, do exercício da cidadania ao do saber, questionando "verdades", tornando visível sua história, muitas vezes silenciada. No Brasil, o processo de redemocratização, ocorrido na década de 80, foi um poderoso aliado no avanço das reivindicações sociais e políticas das mulheres. A abertura política gerou um ambiente fértil para uma ampla mobilização feminista, especialmente no campo da saúde.

As feministas atuavam questionando e criticando o pensamento essencialista, especialmente visando a queda do paradigma de que mulher é igual a reprodução, e isto é sua natureza - idéia que fundamenta e sustenta a naturalidade da opressão feminina, mantendo a hierarquia nas relações de gênero. Esta equação opressora inspirou a produção de discursos e práticas baseados na crítica e na desconstrução da sentença de que anatomia é igual a destino, tendo como mote inicial "Nosso corpo nos pertence". A radicalidade deste discurso demonstrava a necessidade e a exigência de autonomia e afirmação das experiências das mulheres frente à lógica de apropriação, principalmente no campo da sexualidade e da reprodução. É neste contexto que discursos teóricos co-



meçam a ser produzidos privilegiando a saúde das mulheres e seus direitos reprodutivos.

O exercício de repensar conceitos teóricos, como o de fertilidade, abriu campo para abordagens em saúde que fossem centradas na mulher; considerando que ela é a parte principal e interessada em decidir sobre sua saúde sexual e reprodutiva. Inaugurava-se, portanto, um importante deslocamento de perspectiva que colocava as mulheres como principais sujeitos responsáveis por aquilo que acontecia com seus corpos e sexualidade, propondo radical autonomia no que se refere a decisões sobre reprodução e sexualidade. Nesta mudança de paradigma, temas como sexualidade, direito ao aborto, violência contra a mulher, AIDS, entre outros, se constituíram como pontos centrais de resistência e de luta por autonomia.

Além da reformulação conceitual, o Movimento Feminista tem mantido aproximações com o Estado, tendo como meta influenciar a formulação e a implementação de políticas públicas em sintonia com uma abordagem de saúde centrada na mulher. Exemplo deste fato foi a formulação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM) que, contrapondo-se aos programas materno-infantis tradicionais, que se preocupam somente com o período gravídico-puerperal, propunha um modelo de programa que garantisse assistência às mulheres em todas as fases de sua vida.



Na esfera institucional, podemos citar a criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), a elaboração da Constituição de 1988, a realização da VIII Conferência Nacional de Saúde e a criação da Comissão Nacional de Estudos dos Direitos da Reprodução Humana como importantes conquistas do Movimento Feminista. Outro ponto que merece destaque é o fortalecimento das articulações políticas locais, nacionais e internacionais, como a Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos e as conferências do Cairo e de Beijing.

A agenda feminista neste final de milênio é bastante ampla e complexa, exigindo um amadurecimento teórico e estratégico dos diversos fatores sociais envolvidos na luta pelos direitos sexuais e reprodutivos. Grupos feministas (dentre eles o Grupo Transas do Corpo) têm um compromisso com a promoção e a manutenção destas conquistas e com o sonho de termos serviços de saúde que realmente incorporem a perspectiva de gênero.

SAÚDE

ANTICONCEPÇÃO DE EMERGÊNCIA Conhecer para usar melhor

Temos recebido, com frequência, no Grupo Transas do Corpo, pedidos de informação sobre a anticoncepção de emergência, popularmente chamada "pílula do dia seguinte". O assunto vem merecendo algum espaço na mídia, o que, muitas vezes, é feito sem o devido esclarecimento do que é e de como funciona. Não raro tem sido confundida com outros anticoncepcionais comuns e não uma alternativa que a mulher deve usar esporadicamente em casos de relações sexuais desprotegidas.

O QUE É ANTICONCEPÇÃO DE EMERGÊNCIA?

É uma forma de prevenir a gravidez quando a mulher tem uma relação sexual sem a proteção de um anticoncepcional. Exemplo de situações: a mulher "transou" sem proteção de nenhum método e tem dúvidas se está ou não fértil; a camisinha se rompeu; casos de violência sexual.

COMO FUNCIONA?

A pílula anticoncepcional de emergência pode impedir a ovulação ou agir no útero (endométrio) antes da implantação do óvulo fecundado. Após uma gravidez instalada, a Anticoncepção de Emergência (AE) não tem mais efeito e, por isso, não é abortiva.

Após usar a AE, a menstruação virá mais ou menos na época esperada. Se ocorrer gravidez, a AE não causará problemas para a mulher ou o bebê.

A AE É ILEGAL?

Não. A anticoncepção de emergência foi regulamentada pelo Ministério da Saúde em 1996, passando a constar das normas técnicas de planejamento familiar e vem sendo introduzida no conjunto de ações do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher - PAISM.

Goiânia foi a primeira cidade a implantar e avaliar a AE na rede municipal de saúde. O serviço teve

início em 1996, como resultado de uma ação conjunta entre o Grupo Transas do Corpo e o Núcleo de Saúde da Mulher, Criança e Adolescente, da Secretaria Municipal de Saúde e em parceria com a Delegacia da Mulher.

ONDE CONSEGUIR AS PÍLULAS?

As pílulas encontram-se disponíveis nas unidades de saúde da rede municipal e para compra, nas farmácias.

COMO SE USA?

Nome comercial	Dose	Modo de usar
Evanor, Neovlar, Nordiol	4 comp.	2 comp. de 12 em 12 hs
Nordette, Microvlar	8 comp.	4 comp. de 12 em 12 hs
Postinor	2 comp.	1 comp. de 12 em 12 hs

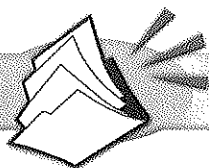
- Tomar as pílulas após as refeições ou com leite, para reduzir os efeitos colaterais (náusea, vômito, dor de cabeça, etc.).
- Se vomitar no prazo de duas horas, repetir a dose.

A Anticoncepção de Emergência só deve ser feita até 72 horas após a relação sexual desprotegida. Fora deste prazo, ela perde sua eficácia.

EFICÁCIA

A AE previne a gravidez em 75% dos casos.

Fonte: SILVA, Rurany E. *Nunca é tarde para prevenir a gravidez indesejada*. Relatório de pesquisa, Goiânia, 1999. OMS e outros. *Consórcio para a anticoncepção de emergência na América Latina*. 1998.



Um espaço legal

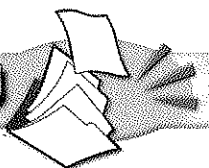
Pensando em incentivar discussões sobre os mais variados temas com diferentes atividades, o Grupo Transas do Corpo criou as *sexas culturais*. Agora todas as sextas-feiras, de acordo com o calendário escolar, haverá programações na sede do Grupo. A primeira foi a apresentação da pesquisa "O aborto na mídia escrita em Goiânia" – coordenada por Gelva M. M. Costa e realizada no dia 17 de março. Ligue e peça a programação deste semestre. Você não pode perder! (Fones: 241-9257 e 241-9617)

CEI responde

Dúvidas, perguntas e opiniões agora podem ser enviadas para o Grupo Transas do Corpo através do seu *site*. O serviço começou em janeiro deste ano e diversas perguntas têm chegado e sido prontamente respondidas. Se você também tem algo para escrever, entre em nosso endereço (www.transasdocorpo.com.br) e mande um e-mail através do CEI (Centro de Estudos e Informação).

Gênero na linguagem

Joana Plaza Pinto, da diretoria do Grupo Transas do Corpo, aluna da UNICAMP e bolsista da FAPESP, está em Paris realizando parte do seu programa de doutorado na *Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales*, sob a direção de Jacques Derrida. Sua pesquisa intitulada "Estilizações de gênero na linguagem ordinária sobre linguagem" trata das relações entre gênero, linguagem e identidades.



Aniversário e mudanças

Treze anos! Essa idade não é tão fácil de ser vivida, mas sem dúvida é super especial, porque traz amadurecimento. E com ele vem a vontade de que haja mudanças. E foi com essa vontade que o Grupo Transas do Corpo passou por um planejamento estratégico, no final do ano passado, e agora está fazendo uma reforma em sua sede. O aniversário de seus treze anos foi no dia 23 de março. Parabéns!

Gênero e sexualidade no NAPS

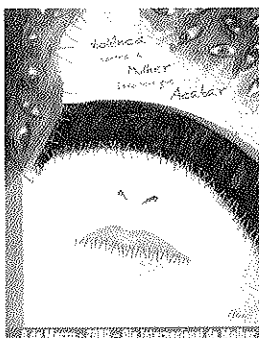
Atendimento em saúde mental da mulher. É com esse objetivo que o Grupo Transas do Corpo está iniciando uma capacitação em gênero e sexualidade para a equipe do Núcleo de Atenção Psicossocial (NAPS-Novo Mundo, que está em fase de implantação), da Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia. A capacitação será desenvolvida durante todo este ano. O NAPS é o primeiro núcleo comunitário de saúde mental de Goiânia e vai oferecer atendimento de prevenção, tratamento e reabilitação para a comunidade, trabalhando individual e coletivamente.

Projeto utiliza vídeo

O vídeo "Sexo, Giz e Apagador", produzido pelo Grupo Transas do Corpo, vai ser utilizado no projeto "Por uma Educação não Discriminatória de Jovens e Adultos". O programa está sendo desenvolvido no Rio de Janeiro e é coordenado pelo Ministério da Educação e do Desporto e por entidades como a Rede de Desenvolvimento Humano (REDEH). A obra foi produzida em 1995 e discute a questão da educação sexual nas escolas.

Dia Internacional da Mulher

Este ano o Fórum Goiano de Mulheres, formado por 52 entidades, dentre elas o Grupo Transas do Corpo, escolheu o combate à violência contra a mulher como tema para lembrar o Dia Internacional da Mulher (08/03). Foram programadas atividades para todo o mês de março. No dia 8 foi realizado o lançamento da Marcha Mundial das Mulheres Contra a Pobreza e a Violência. A obra "Mulher" (óleo sobre tela), utilizada nos cartazes e folders da campanha, é da artista plástica goiana, Vitória, que cedeu os direitos autorais.



Quando pensamos em criar uma seção em que o/a leitor/a tivesse voz no Fazendo Gênero não sabíamos que a resposta seria tão rápida. Agradecemos às pessoas que nos escreveram e queremos dizer que, devido ao espaço restrito do jornal e à grande quantidade de cartas e e-mails, publicaremos apenas parte do conteúdo que nos chegou.

Sugestão de tema

Kátia M. Barreto Souto, do Núcleo de Sexualidade e Saúde de Brasília, nos mandou um e-mail sugerindo que este ano o Grupo Transas do Corpo trabalhe mais a temática da feminização da AIDS sob a ótica de gênero e pensando nos(as) jovens. OK, Kátia. Valeu a sua sugestão.

Opinião

"Como consultor do Ministério da Saúde, atividade pontual entre tantas que exerço em outras instituições, bem sei do esforço que fazem e das ações educativas que desenvolvem (o Ministério) – objetivamente – em relação à sexualidade (dentro de um prisma pedagógico) e prevenção das DST e AIDS e uso indevido de drogas". Esse parágrafo é parte da carta enviada pelo sexólogo **Marcos Ribeiro** ao Fazendo Gênero, na qual ele comenta sobre a entrevista da psicóloga Rosely Sayão, publicada no último número (Ano III, nº 06, nov./99-fev./2000). Marcos Ribeiro discordou da opinião de Rosely ao afirmar que "a educação sexual tem sido tratada pelo Ministério da Saúde, mas não tem nada de educação". Segundo ela, as políticas públicas teriam que ser implementadas conjuntamente pelos Ministérios da Saúde e da Educação.

Marcos Ribeiro comenta, ainda: "Será que não é educativa a elaboração de gibis para o público de 4 a 12 anos e livros para o professor (...) acompanhados de treinamentos para educadores e profissionais de saúde? Deixa de ser educativo o programa de capacitação à distância, com o que há de mais moderno em tecnologia educacional, com mais de cinquenta mil professores diretamente envolvidos, com dinâmica e avaliação 'in loco'?"

Com profundo respeito à diferença de opiniões e atendendo ao pedido de Marcos Ribeiro, publicamos os trechos acima.

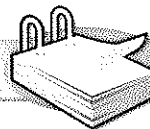
Preservativos

João Samuel, de Goiânia, nos escreveu uma carta com um artigo intitulado "Camisinha furada", sobre as campanhas publicitárias de prevenção das DST/AIDS. Publicamos aqui trechos deste artigo.

"Desde alguns anos têm-se visto na televisão, sempre à época do Carnaval e 1º de dezembro, campanhas que alertam para o uso da camisinha; entretanto, são voltadas a um só público, quando seria preciso fazer campanhas multifacetadas com uma linguagem apropriada para cada grupo que se queira atingir. Eles também poderiam direcionar as campanhas para o problema das doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS, mostrando as vertentes da sexualidade e de gênero. Somente essas ações não serão capazes de conscientizar as pessoas sobre o uso devido do preservativo, porque além de todas essas coisas, verifica-se a necessidade de uma mudança de comportamento. Para isso, só há um caminho: a educação."

Transas cresceu

"Que bom ver que cresceu (o Grupo Transas do Corpo), que vive, que informa, que se interessa". Essa frase é de **Maria Rita F. Nogueira**, de Porangatu, leitora do Fazendo Gênero. Agradecemos pela carta parabenizando o trabalho do Grupo.



AGENDA

Abril

XIII Encontro Nacional Feminista, dias 26 a 30, em João Pessoa – PB. Informações: (83) 222-7069

VI Encontro Ibero-americano Mulher e Comunicação, a ser realizado em Havana, Cuba, nos dias 24 a 27. Informações: ipressjm@ip.etecsa.cu

Maior

I Encontro Internacional: O Corpo das Mulheres, dias 21 a 24, em Belo Horizonte - MG. Reunirá profissionais e pesquisadores das áreas de medicina, direito e ciências humanas, e os temas a serem discutidos são o Estado, a norma, a medicina e os direitos sexuais e reprodutivos e o imaginário. Informações: (31) 248-9802.